

Ilustração Portuguesa



II SERIE N.º 730 20 cent.
Lisboa, 16 de Fevereiro de 1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguesas e Espanha:

Trimestre 2\$60 ctv.

Semestre 5\$00

Ano 10\$00

Redacção, administração e officinas: Rua do Saco, 43 — LISBOA

Algumas explicações sobre a queda dos cabelos **Conselhos & Avisos**

Como cae o cabelo. Cada cabelo tem uma vida durante um certo tempo, conserva-se num determinado comprimento, e cae, enfim, para ser substituído por outro cabelo novo. A vida dum cabelo varia de dois a quatro anos.

Ha, pois, constantemente, no couro cabeludo, queda de cabelos velhos e nascimento de cabelos novos.

Mas succede, por vezes, que o cabelo cae em maior quantidade do que nasce.

Antes dos 20 anos a caspa cae secca sobre o casaco ou vestido. Mais tarde, essa caspa deixa de cair porque se torna gordurosa e fica aderida á pele. Se se desgordura o couro cabeludo a queda do cabelo diminue, chegando a acabar de todo.

O que deve fazer-se. O indispensavel é trazer o cabelo em rigoroso estado de limpeza.

Ora, essa limpeza perfeita só se obtem com a lavagem, que deve ser feita de 8 em 8 dias com o *Schampão Maria*.

Aconselhamos este e não outro, porque tal genero de produtos, dada a sua geral barateza, anda muito adulterado no commercio.

Este preparado, já celebre e unico, lava radicalmente toda a oleosidade do cabelo, tira a caspa e desinfeta o couro cabeludo, pois da sua composição fazem parte os ingredientes necessarios a essa acção poderosa. E além disso beneficia o cabelo, pois entrando na sua formula um alcatrão especial, este vae atuar beneficemente sobre o bolbo piloso.

A "Loção Maria". Ao mesmo tempo é indispensavel usar uma boa loção que

complete a acção do Schampão. E é indispensavel porque o couro cabeludo precisa ser, por assim dizer, adubado. Para esse efeito importantissimo foi creada a *Loção Maria*.

Não é esta loção um simples e correntio produto de perfumaria; na sua composição entram os agentes quimicos especiaes para a tonificação do couro cabeludo e a cultura e desenvolvimento do cabelo. Fruto de largos estudos e d'uma experiencia de muitos anos, a *Loção Maria* é o preparado ideal para a cabeça.

A *Loção Maria* deve ser usada todos os dias, não só pelas pessoas a quem cae o cabelo, mas tambem por aquelas a quem não cae—exactamente para prevenirem esse desastre.

A limpeza do cabelo a seco. As senhoras com o cabelo oleoso e que tem dificuldade em lavar a cabeça, podem fazer essa limpeza de 8 em 8 dias com a *Fricção Maria*, que se vende em pequenos pacotes. É um pó que se deita no cabelo e lhe absorve imediatamente a oleosidade. Tira se depois com uma escova e o cabelo fica limpo e desinfetado. A *Loção Maria*, usada a seguir, completa-lhe a acção maravilhosamente e dá ao cabelo o brilho necessario.

Preços:	<i>Schampão Maria</i> o pacote	90 réis
	<i>Fricção Maria</i> o pacote	150 »
	<i>Loção Maria</i> o frasco	1.500 »
	<i>Brilhintina Maria, líquida</i>	700 »
	» » cristallisada	1.200 »

A venda na **PERFUMARIA DA MODA**—5, Rua do Carmo, 7—Lisboa
e em todas as perfumarias, farmacias e boas casas do paiz.

Vêr na proxima quarta-feira o **Suplemento de Modas & Bordados** (Do SÉCULO). Preço 4 centavos.

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na **Camelia Branca** L.º D'ABEGOARIA, 50 (ao Chiado) - Telef. 3270

Reconstituente
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 730

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1920

20 Centavos

CRONICA

COMPETENCIAS?

A varias causas se atribui a desorientação da sociedade portugueza, que não pertence só a ella, afinal, e não é raro ouvir lançar as culpas sobre os dirigentes, alcunhados de inhabeis. «Crise de incompetencias», por excesso, diz-se que é o que nos afflige, e citam-se factos á primeira vista comprovativos, não custando a acreditar que ella exista realmente, porque os homens da Republica não tinham experiencia dos negocios do Estado.

E' esta a voz geral, mas com semelhante affirmativa constroam os numerosissimos alvitres de salvação e regeneração que apparecem todos os dias na imprensa, as opiniões de cada individuo, as exposições oratorias com que a miúdo se embalam as turbas, ansiosas por um raio de esperanza. Emfim, se consultarmos isoladamente os cidadãos, não ha nenhum que não aponte immediatamente uma panacea eficaz, julgando-se habilitadissimo a sobraçar uma pasta ministerial: — «Se eu fosse governo...»

E chega, ás vezes, a «ser governo» effectivamente, mas então dá-se um phenomeno inesperado: não põe em pratica o que tanto preconizou, e dá, dentro de pouco tempo, a impressão da tal incompetencia, que condenava nos outros.

Dir-se-lia que o ambiente das altas regiões do poder possui qualquer coisa que asfixia, ou que, á força de palavrório, os salvadores da patria esgotaram todas as energias. E se palrassem menos?

UM ESCANDALO

Apesar de se ter passado em vespuras de Carnaval, não produziu pouco escandalo a preparação, na rua, d'uma fita animatografica em que figurava o celebre tenor absoluto Romão Gonçalves, nu da cintura para cima e empunhando uma garrafa. Não interveiu a policia, mas pessoas avisadas clamaram contra o ajuntamento que se formou e contra a scena, a que chamaram selvagem, não se percebendo bem porquê, visto que Romão não appareceu de taiga e visto que a fotografia animada é a ultima palavra do progresso. Somos facéis na censura e em acharmos ridiculo tudo o que se afasta dos formalismos, não deixando nunca de apontar como modelo o que se passa em palcos estrangeiros e assegurando que «lá fóra» não se consentiria tal, mas se contassemos o que pessoas de credito dizem que tem presenciado na conspícua Inglaterra ou nos Estados Unidos da America do Norte, não menos conspícuos, a respeito da preparação de fitas cinematograficas, seriamos tidos como fantasistas de mau gosto. E quanto á pasmeceira que qualquer incidente inesperado provoca em Lisboa—ainda não ha muito, em Londres, parou a circulação d'uma das suas ruas principais, porque milhares de pessoas se aglomeraram para ver, n'uma «vitrine», um cortijo de abelhas.



O KAISER

O destino, com os seus caprichos, tem sempre colaborado com a vontade d'este homem, na sua ancia de exhibicionismo, e ainda agora, terminada a tragedia de que foi protagonista, e quando a sombra do isolamento podia apagar-lhe a triste figura, elle, mesmo involuntariamente, apparece a cada instante no tablado politico, talvez menos grotesco do que quando mudava de uniforme dez vezes por dia e saltava para os palcos, a corrigir a obra dos artistas.



Referem nos noticias dos jornaes estrangeiros que se pensa em exigir da Hollanda, se o não entregar aos tribunais dos aliados, que o afaste para uma colonia longinqua, e não falta quem suponha que é essa, na verdade a solução mais geralmen e apoiada. Assim, na ultima fase da vida do ex-imperante, tello-hão irmanado a Napoleão, o que, certamente, o lisongeará, como lisongeará outra personagem, mas essa de fantasia: o Tartarin, de Daudet.

VISINHANÇAS

Tem os nossos vizinhos espanhoes a «peseta» altamente valorizada, mas parece que nem por isso nadam em mar de rosas: os seus productos, por um phenomeno u os mais comesinhos principios de Economia Politica explicam, não são exportados, de onde mais uma causa a acrescentar a muitas outras, das desordens internas, que ali se estão dando com frequencia, não só nos grandes centros mas até em povoações de segunda ordem e que não são de molde a justificar os reparos que nunca se esquecem de fazer quando a nossa Republica comete os excessos proprios da sua pouca idade.



Temos essa desculpa e ainda a de que resa o ditado: «Casa onde não ha pão». Querem ver que o pão em demasia produz o mesmo efeito?

LIVROS

«Trinta mil por uma linha» é mais um livro da sr.ª D. Emilia de Sousa Costa, que o escreveu, como os anteriores, para as crianças lerem. E' uma colleção de contos populares, com o encanto d'um estilo despretençioso e alegre.

Acacio d'Almeida Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

O CASTELO DA FEIRA



POR Humberto Beça

Torre e praça d'armas do castelo.

Ao meu antigo e ilustre professor e director do Colegio Aveirense, Ex.^{mo} Sr. Padre João Ferreira Leitão.

Foi ha bons 30 anos que, pela primeira vez, ouvi falar no Castelo da Feira, numa aula de instrução primária, e nunca mais me esqueceu a vigorosa prelecção e descrição do douto professor, que tão incisiva e gratamente deixou no meu espirito de creança a noção das lutas formidaveis, entre mouros e cristãos, especialmente quando travadas para a conquista d'essas senti-elas formidaveis, como eram o famoso Castelo da Feira, o de Leiria, Santarem, e tantos outros que a portugueses, leoneses e castelhanos, custaram tanto desbarato de sangue e de vidas.

Encostado áquele «ámanhã» tão português, só em 1916 visitei, pela primeira vez, o famoso monumento



A porta da barbaca



As minas do Paço dos condes da Feira. Rêde de arame que cobre a cisterna.

da Feira, de que tantas maravilhas ouvia contar e lera já em breves descrições de revistas e jornais.

Fiquei maravilhado. A minha expectativa, por muito fantasiosa que ela fosse, foi inteiramente excedida, tanto mais que das descrições lidas e gravuras encontradas, só ressaltava aos meus olhos a grande torre quadrangular, sem duvida curiosissima e unica no genero, nos antigos castellos de Portugal, mas parte minima e não a mais interessante da admiravel obra de fortificação antiga.



Muralhas do poente

Exceptuando a monografia ultimamente publicada sobre o castelo, pelo sr. D. Fernando de Tavares e Tavora, longe se estava de fazer uma ideia do que fosse essa belica construção, onde se conjugam admiravelmente a elegancia da construção com a solidez da obra e formidavel soma de recursos de defesa que ali se acumula-



e barbaca.

Causa arripios lembrar á custa de que hecatombes de vidas, dever ter sido arrancada a temerosa fortaleza aos seus primitivos possuidores.

Por toda a parte o castelo po-



O castelo e a grande cisterna. A' E. duas setelras cruciformes da galeria subterranea que comunica com o Pateo da Tração.

ram. E' surpreendente a maravilhosa e fecunda concepção que ali pôde reunir tantos elementos de segurança, de resistencia, de astucia, que deviam ter tornado a formidavel fortificação absolutamente inexpugnável para os meios de ataque da época.

O castelo visto pelo lado sul.



Porta setelrada e escada que dá para a galeria subterranea.



dia fechar o avanço dos assaltantes, ficando sempre em condições de continuar a defesa e por qualquer lado que ele fosse entrado.

As seteiras cruciformes cruzam-se por toda a parte, tanto para o exterior do castelo, e de forma a atacar o invasor pela frente



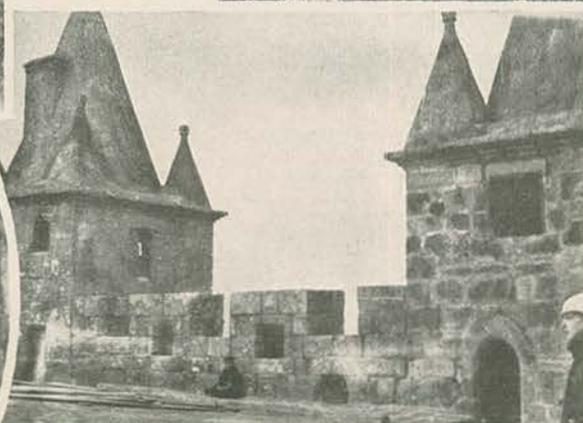
e pelas costas

Cercada, invadida e ocupada pelo inimigo, tinha logo uma galeria subterrânea, secreta, para dar aos defensores passagem para outro lado do castelo: os muros fechavam-se, as portas trancavam-se e a defesa continuava nas mesmas condições de valentia e segurança.

O ultimo reducto era a construção central, a grande torre flanqueada, for-

midavel de muros, de brechas e de torções.

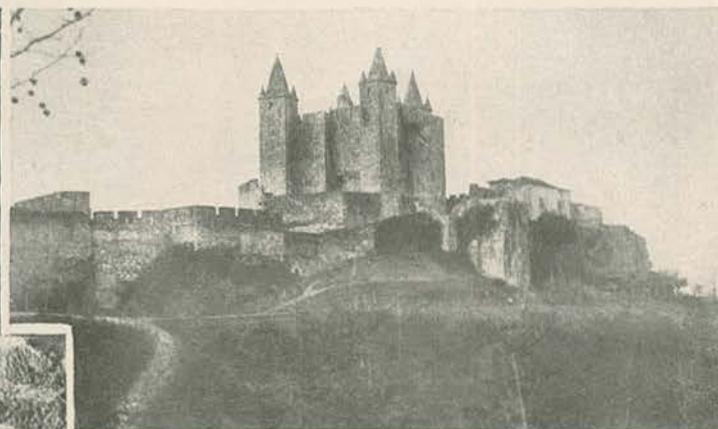
Pois mesmo aí, no ultimo extremo da defêsa, lá está o recurso da sortida, da surpresa, da fuga, dissimulado no muro macisso da torre, onde se abre a galeria baixa que con-



1. Restos de muralha do terraplano sul do castelo.—2. Muralhas e o cubelo da torre vista do norte-este.—3. O cira-do da Torre.—4. Galeria subterranea do Pateo da Traição.



Portas do castelo e barbacã.

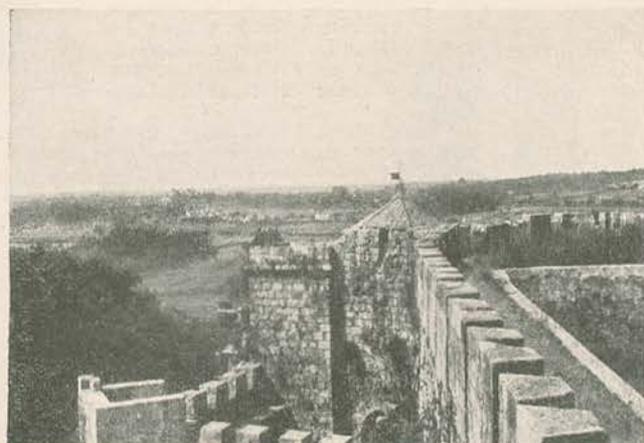


Vista panoramica do castelo tirada do nascente*

duziria a guarnição ou á retirada e abandono do castelo, ou a uma cilada aos atacantes, pelo pateo da Traição.

Do chão até, do sub-solo do castelo, das casa-

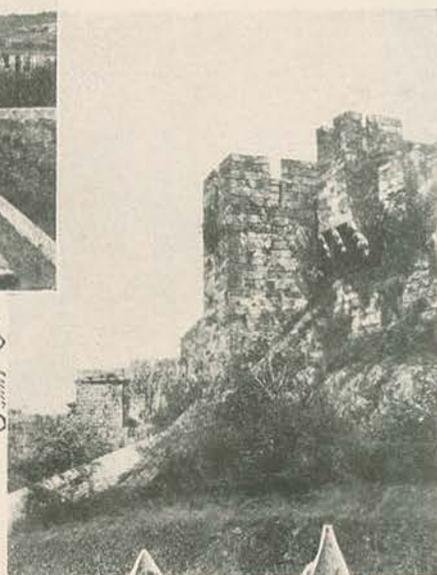




va a hipótese. Ultimamente a aparição de arcos romanos em excavações ali feitas e demolições para reconstrução,



Muralhas (lado oeste) com os cubelos da casa-mata, porta principal e barbaca.

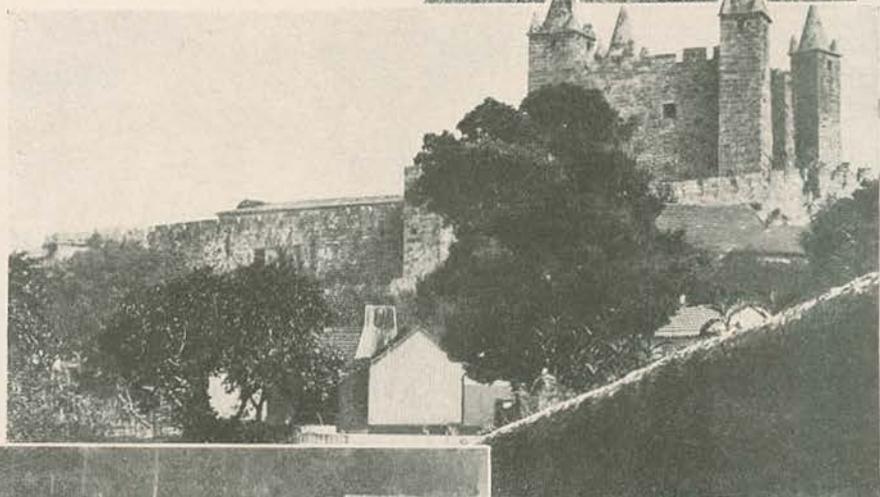


Muralhas (lado poente), porta principal do castelo e corôa de ametas da barbaca.

matas subterraneas, a defesa tirava recursos para ferir os assaltantes, que até de debaixo da terra eram agredidos pelas costas, pelos defensores da admiravel fortaleza.

A historia do Castelo da Feira é obscura, como o é toda a historia do país, da segunda dinastia para traz, como é toda a historia do velho mundo, desalicerçada dos documentos que as convulsões do genero humano tem inutilisado.

Su punha-se que era gôdo; a sua arquitectura justifica-



Vista do castelo. (Lado oeste.)



A muralha do lado sui, vista a cavaleiro, do interior.

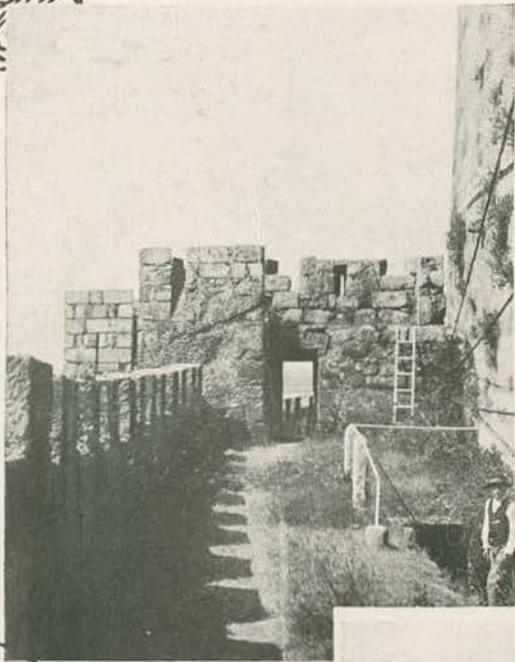
afastaram a conjectura da origem do castelo para aquélla epoca.

Sendo assim, atravessou igualmente o periodo das invasões, o dominio gôdo nesta região e depois o árabe até á reconquista cristã e reconstituição dos reinos cristãos.

Desse largo lapso de tempo não ha noticias algumas da accção militar do famoso castelo, que evidentemente deve ter suportado todo o peso dessa temerosa epoca de lutas.

Dados os formidaveis re-





O terraplano junto á grande torre (lado poente).

curiosos de defesa de que o Castelo da Feira ainda nos mostra o poderio, as lutas travadas junto dos seus muros devem ter excedido, em rasgos de heroísmo, em actos de ferocidade, em demonstrações de épica resistencia, tanto na defesa como no ataque, tudo quanto a mais fantástica imaginação possa conceber. A reconquista pelos cristãos dos nascentes reinos do noroeste da península deve ter-se realizado talvez em 990, época em que o rei de Leão, Bermudo II, incitou os seus cavaleiros a invadir as terras d'além Douro, doando-lhes as que resgatassem.

Parece que os primeiros nessas correrias de devastação foram D. Fernão Gonçalo (?) senhor de Maruel, refugiado no norte do Douro depois da invasão de Abderahman II, em

Curiosa disposição das seteiras nas muralhas do castelo.



920, que veio cercar o Porto, destruindo internamente a cidade, e Mem Guterres e Mem Lucídio, que nas terras conquistadas se estabeleceram, dando-lhes o nome de «Terras de Santa Maria».

A antiga «Lancobriga» com o seu alteroso castelo, parecia que ficou desde essa ocasião em poder dos cristãos, não sem que contra ela os arabes tentassem novas arremetidas, travando-se ali mesmo um combate em mil e trinta e tantos, combate de que os cristãos ficaram vencedores.

Entraria mais uma vez na luta o Castelo da Feira? Seria mesmo este o objectivo do inimigo e a batalha travar-se-ia com algum exercito de socorro?

Nada as velhas crônicas a tal respeito dizem.

Quando o conde D. Henrique tomou o governo do condado de Portucale, em 1039, este avançava já as suas fronteiras até ao Mondego.

As lutas entre D. Afonso Henriques e sua mãe envolveram também o Castelo da Feira, que foi tomado em 1128 pelo belicoso príncipe, segundo diz Duarte Galvão na crônica d'este rei: «Quando o Príncipe D. Affonso Anriques vio que não tinha onde se acolher, e que sua mãe tão pouco delle curava, trabalhou de lhe «furtar» dous Castellos: um delles foi Neiva, e o outro o Castello da Feira terra de Santa Maria...»



A entrada do paço.

Em 1323 foi ainda o Castelo da Feira tomado pelo príncipe D. Afonso, nas suas rebeldias contra seu pai, o rei D. D. níz e sendo governador do castelo Gonçalo de Freitas.

Em 1385 nova luta ensanguentou as muralhas do Castelo da Feira, cujo alcaide Martin Correia se declarára a favor de D. Beatriz como rainha de Portugal.

Gonçalo Coutinho, que acabava de ganhar a batalha de Trancoso, marchou sobre a Feira, tomando pela força das armas o castelo rebelde, que D. João I doou a João de Sá, o famigerado Sá das Galés.

Em 1448 foi o castelo, então em estado de ruína, doado, a seu requerimento com o compro-

Julio de Castilho



10 1.º

ANIVERSARIO

MORTE

DA SUA

O visconde de Castilho aos 25 anos.

FÊS um ano, no dia 8 deste mês que vai correndo, tão cheio de sol e de preocupações, tão luminoso de ceu e tão nebuloso de ideias, que, naquella aldeão cemiterio do Lumiar, fomos deixar o cadaver desse santo homem que foi Julio de Castilho.

O modesto caixão levamo-lo nós — os seus amigos — com a piedosa devoção com que conduziríamos uma preciosa reliquia ao templo eterno da Terra Mãe, em cujos braços amorosos e fecundos iria florir como um alto exemplo. E era uma reliquia o que na realidade transportamos, naquela tarde chuvosa e agreste, que foi a do seu enterro; a reliquia de um homem de caracter, de uma só cara, de uma só fé, português de boa



tempera, patriota dos maiores, talento dos mais illustres de Portugal.

Faz hoje um ano e dir-se-hia ter sido hontem para a nossa emoção e para a nossa saudade. O seu coval, que mãos amigas adornam ainda e onde uma cruz rustica assinala o crente de consciencia pura que ele foi, é, para os que o veneraram e lhe quizeram do coração, um monumento de romagem, não o monumento classico e impostor de gentes capitalisadas, coroados de frontões e adornados de largas legendas, mas o monumento humilde onde as verduras rastejantes e as flôres do acaso são a melhor architectura. Nesta homenagem de saudade em que os olhos se humedecem, nesta recordação daquele tugúrio



O cantinho preferido em vida

O ultimo retrato do escritor

arrabaldino onde Castilho viveu e onde ouvi a sua lição e o seu conselho no cantinho predileto dos ultimos tempos, mal me desobriço do muito que devo á sua memória.

O illustre arqueólogo, o peregrino poeta, o erudito, o sabedor, o bom português, escritor de notavel envergadura que traçou essa imortal «Lisboa Antiga» não esqueceu, nem pode esquecer.

Figuras como a sua valorisadas a morte, tornando-as eternas no coração dos que lhes sôbrevivem.

M. Sequeira.



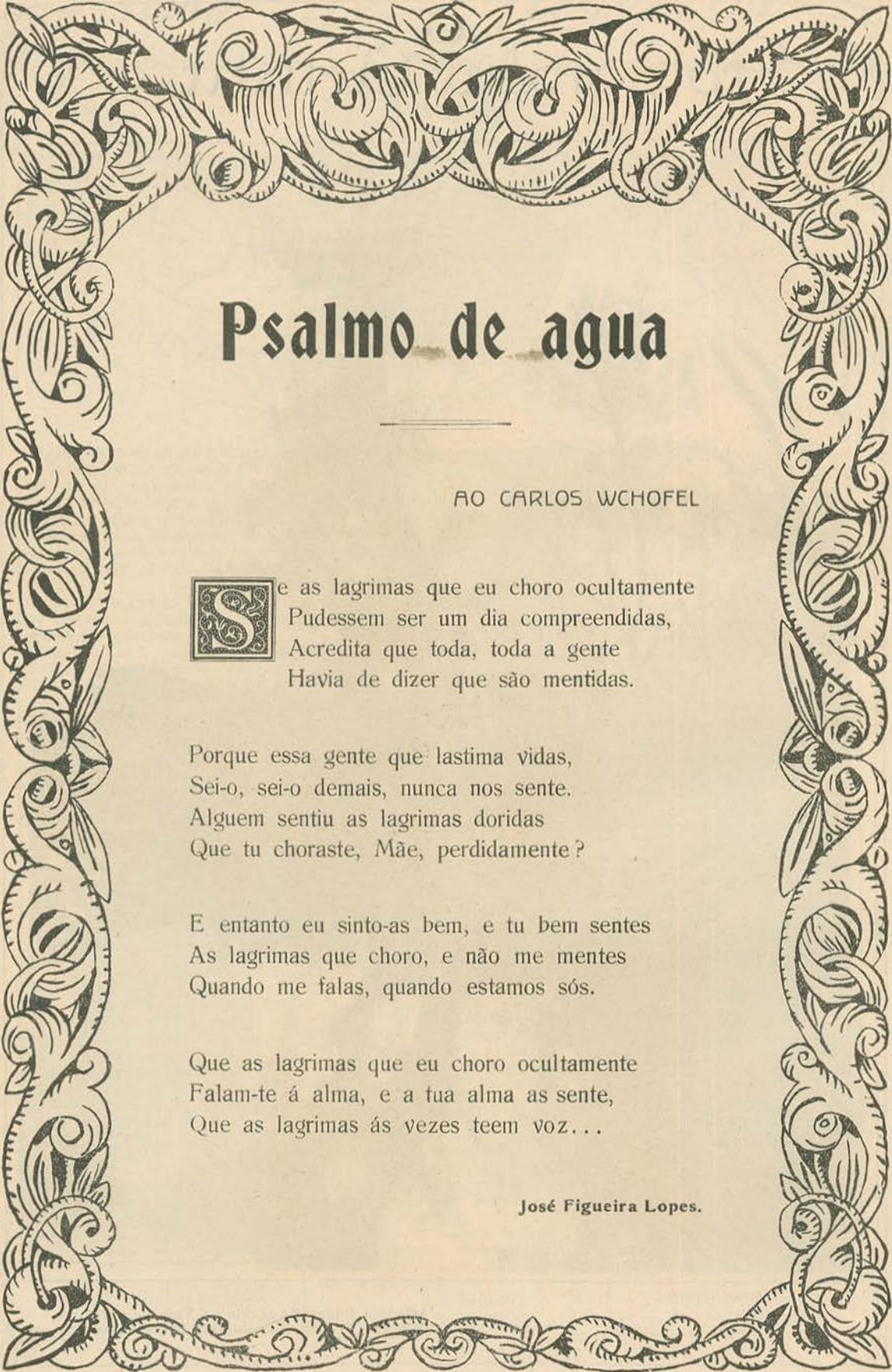
A ultima morada

«Clíchés» J. Barclay

Fotografia Artística



Artística fotografia obtida no Vale de Carrichte
pelo Sr. Francisco Guilherme Lacombe Nevess.

A decorative border of intricate floral and scrollwork patterns surrounds the text. The border is composed of repeating motifs of leaves, flowers, and swirling lines, creating a frame for the central content.

Psalmo de agua

AO CARLOS WCHOFFEL

Se as lágrimas que eu choro ocultamente
Pudessem ser um dia compreendidas,
Acredita que toda, toda a gente
Havia de dizer que são mentidas.

Porque essa gente que lastima vidas,
Sei-o, sei-o demais, nunca nos sente.
Alguem sentiu as lágrimas doridas
Que tu choraste, Mãe, perdidamente?

E entanto eu sinto-as bem, e tu bem sentes
As lágrimas que choro, e não me mentes
Quando me falas, quando estamos sós.

Que as lágrimas que eu choro ocultamente
Falam-te á alma, e a tua alma as sente,
Que as lágrimas ás vezes teem voz...

José Figueira Lopes.

O QUE EU
VI
NOS

ARMAZENS DA ALFANDEGA

Descarga no Caes. Armazens
plenos.

E DA EXPLORAÇÃO DO PORTO DE LISBOA

ESTA visita aos cinco entrestos da Exploração do Porto de Lisboa foi-me lembrada por alguém que me afirmara convictamente encontrar-se eles a abarrotar de mercadorias de primeira necessidade, muitas deterioradas em virtude das más condições de armazenagem e do longo tempo que ali estão. Confesso que não quiz acreditar, a princípio, tão extraordinário o facto me pareceu. Podia lá ser! Pois, enquanto os governos, o parlamento, o commercio, o povo e a imprensa, discutiam e apreciavam o momentoso problema do abastecimento publico, procurando achar-lhe a incógnita—ali, á beira do rio, estavam a apodrecer milhares de toneladas de suas subsistencias, a coberto da protecção do Estado (!) e mercê da ganancia, sempre insatisfeita, de alguns traficantes? Era, porém, verdadeiro o facto, como os leitores verifica-

por Bello Redondo

rão pela despretençiosa narrativa da minha visita.

As portas onduladas dos armazens do entreposto de Alcantara cerrarem-se de ha muito. O barulho ensurdecedor da faina de arrumar e desarrumar mercadorias—tão característico nos tempos saudosos de antes da guerra, substituiu-se agora pelo mutismo da paralisação do trabalho, mercê do baixo criterio de certos commerciantes que se servem dos armazens do Estado, com

taxas mais pequenas que as dos particulares, para guardarem as suas mercadorias e provocarem a falta de determinados generos no mercado e a consequente subida de preço. Constató com máguia que se fez lá dentro o silencio pesado das casas-fortes. Vejo as portas fechadas a sete chaves, em pleno dia, como se a dentro d'elas estejam tesouros tão valiosos que não possa sonhar-se, ao menos, cá fóra, a sua existencia..



Um carregamento de bacalhau.

Peço que me abram uma das portas e, satisfeito este pedido, posso ver, empilhadas até ao tecto e n'uma grande extensão, inúmeras sacas com farinha de trigo de primeira qualidade. São, ao todo, vinte e tres mil sacas, ou sejam dois milhões e trescentos mil quilos — o suficiente para abastecer durante sete dias (!) a população de Lisboa. Farinha de trigo a apodrecer desde Junho de 1911... e tanta gente sem pão por essa cidade fóra...

Mas não é tudo. Ha tambem assucar, elucidam-me. Entro n'outro armazem.



Descarga de bacalhau.

dade ante um tal espectáculo, são d'alí arreliado, vociferando. Dêvo fazer notar que tomei hoje em casa, sem assucar, o meu café...

O espectáculo dos enormes armazens completamente cheios de mercadorias succede-se em todos os entrepostos, monotonamente. Em todos eles ha trigo, arroz, assucar, feijão, e outros generos de primeira necessidade, em abundan-



Transbordando...

onde se empilham as 400 caixas com a preciosa carga artistica do vapor ex-alemão «Cheruskia». Ao fundo, n'um canto escuro, distingo umas sacas negras. Pertencem ao Banco Nacional Ultramarino e conteem «apenas» onze mil e quatrocentos quilos de assucar em rãma. As ultimas chuvas e o assucar que se extravasou puzeram em volta d'elas um verdadeiro melço negro que toda a gente pisa. Perco a sereni-



A plethora.

cia — e de tal modo, que estes extensos casarões da beira-rio afuguentíssimo escárneo á fome do povo.

Em Santos, o sr. Miguel Maestu, o Estado e a firma Rosa Cabral & Ferreira, teem açambarcado desde Julho do ultimo ano estas «modestísimas» quantidades de trigo, parte do qual está deteriorado; seis milhões de quilos, em farinha, e dois milhões quatrocentos e noventa e quatro quilos, em grão.

No entanto, o governo, ao que parece, continua muito preocupado com a falta de pão e vae fazer grandes compras de trigo na Argentina, diz-se. Mas, occorre perguntar como resolverá o governo o problema de deixar apodrecer previdentemente todo esse trigo que pensa adquirir, estando, como estão, a abarrotar os armazens da Exploração do Porto de Lisboa? Pense n'isso o governo...

Em toda a parte ha generos a mais, o que é para admirar. Mas em Santa Apollonia alguns deles conservam-se lá ha tanto tempo que já estão a decompôr-se, o que é para revoltar. Consta que do himálaiia de fardos que estende ao longo dos enormes armazens deste entreposto vem um cheiro pouco agradável. Inquiri da razão do facto. E o empregado que me a companhia atenciosamente responde, com uma serenidade que me causa calafrios, e como se tratasse da coisa mais vulgar deste mundo:

— E' bacalhau pôdre, meu senhor...

Não acredito. Sou sufficiente otimista para repellar a idéa de que a maldade humana tenha subido tanto. Como se pode conceber que uma creatura, por mais gananciosa e perversa que seja, deixe detiorar um genero tão necessario ao consumo publico? Ha certamente aqui um equívoco: talvez o ar viciado deste armazem, a acumulação de mercadorias ou outra coisa qualquer emfim, seja a determinante deste horrivel, deste maldito perfume...

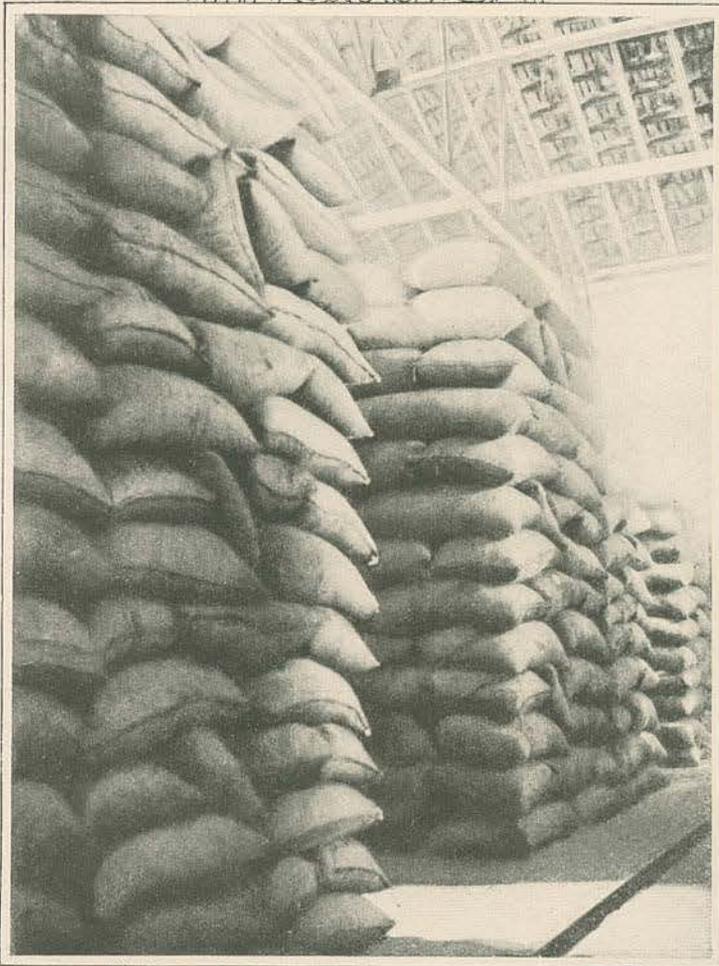
Vou para sair. Mas uma força extranha, esta curiosidade privativa do «reporter», obriga-me a verificar de «visu» o facto. Atravesso uma interminavel coxia, por entre caixotes de cimento. E' verdade! lá estão, ao fundo, empilhadas, a granel, barricas e barricas cheias do «fiel amigo». O ar é irrespiravel, tão fortes me parecem estas exalações de pantano, que veem lá do fundo, como uma afronta, uma blasfemia ou um sarcasmo. Todo este bacalhau — senhores! — está aqui «apenas» desde 1912!

Não posso nem dêvo incomodar os leitores com a descrição fistidiosa da minha visita aos entrepostos; se fosse bem relacionada, em vez de um artigo, eu daria assunto para um livro volumoso, que podia resumir-se assim:

No mercado: — Falta de tudo.

Nos armazens da E. P. L. — **Totaes em quilos:** Asucar, 61:560; Trigo, 8.510; Cou os secos, 3.429.344; Feijão, 257:800; Grão, 39:300; Cacao, 5.520; Milho, 30:000; Algodão, 1.320:000; Pasta para papel, 10:370; Bacalhau, 54:000; Borracha, 4.500:000.

«Mas — perguntará, talvez, o leitor — não ha uma lei qualquer que faça sair de dentro d'esses armazens o que lá existe?» Ha, sim senhor. Chama-se o monstrósinho Decreto n.º 6.113. Pouco mais ou menos «obriga» os consignatarios das mercadorias a «despacha-las» no prazo de 8 dias, sob pena de serem apreendidas. Mas, como «despachar» não quer dizer «retirar», os consignatarios despacham-nas, cumprindo á risca o estatúdo no Decreto, e deixam-nas ficar nos entrepostos, em virtude da armazenagem lhes sair mais em conta que cá fóra...



Um armazem... quasi vazio



(«Clichés» Serra Ribeiro)).

A visita dos jornalistas a Coimbra



O passeio dos jornalistas lisboetas a Coimbra, ultimamente realizado por uma linda manhã de sol, como se o velho tempo houvesse querido favorecer-nos com as suas graças, convertendo o ultimo dia de janeiro no primeiro dia da primavera, marcou brilhantemente o inicio de uma idéa feliz, que já de ha muito deveria ter sido posta em execução. Os jornalistas, mais do que

que ninguem, para bem amarem a terra portugueza, precisam de bem a conhecer. E a velha cidade universitaria, tão rica pela sua historia como pela sua paisagem, indicada estava, na verdade, para receber essa primeira visita, que sendo principalmente uma grata viagem de recreio, nem por isso deixou de ser tambem uma apravel viagem de estudo.

Muitos dos excursionistas talvez a maioria, em rigor não conheciam Coimbra. Para conhecer uma cidade de Portugal, mórmente quando ella é das belas entre as belas, não basta conhecer a sua historia. E' preciso vel-a, sentil-a, respirar o ar, embeber os olhos na bruma dos seus horisontes. Viver Coimbra, por pouco tempo que fosse, tinha para nós aquella vantagem de elucidação que o exilado de St.^a Helena encontrava n'um desenho expressivo sobre cem paginas de prosa articulada e fria. Fomos vel-a e sentil-a durante algumas horas, e n'essas horas aprendemos mais do que em tudo quanto d'ella haviamos lido e a tradição nos tinha



1—Torre da Universidades. Desenho de J. Cruz Jorge
2— Na Camara Municipal



Grupo de Jornalistas, tirado em casa de França Amado, o conhecido Ilvrelro-editor. Não se vê, além do sr. França Amado, o sr. J. Ribello Arrobas, director da *Gazeta de Coimbra*, que sempre acompanhou os excursionistas.



1. Na ponte da Portela.—2. Lavadeiras no Mondego. (Clichés de F. Pinharanda).—3. A chegada do comboio, os estudantes. (Cliché J. Marques).—4. A saída da Câmara Municipal.

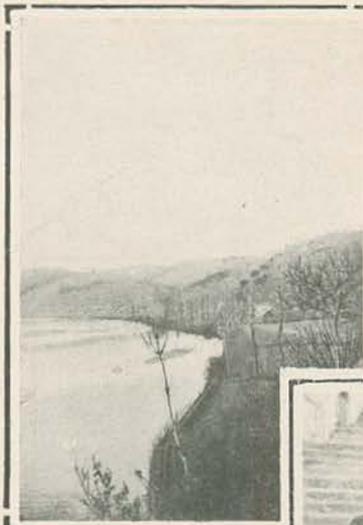


(Esculapio) Um poeta na Lapa dos Poetas.

contado). Coimbra afigurou-se-nos mudada. As suas romanticas tricanas passaram ao domínio da lenda; as suas ruas centrais vão assumindo os ares amareirados das cidades como Lisboa... Mas Coimbra conserva e conservará sempre encantos que são imorredouros: o seu Mondego, lento e pestivo, deslizando entre choupos esguios e afagando as lavadeiras que nas suas margens batem as roupas e entoam as canções dos estudantes; o seu luar envolvendo em translucidos sudários o casario da Alta—a Sé Velha, a Torre de Anto, em cujas imaginárias ameias se debruça ainda a alma límpida do poeta



Grupo tirado na Lapa dos Estios. De esquerda para a direita: Norberto Lopes, dr. Octaviano Sá, Mario Salgueiro, Rocha Junior, dr. Antonio Lisboa, F. França Neto, Norberto de Araújo, Albino Forjaz de Sampaio, Alberto Sousa, Gustavo Sequeira e Hermano Arrobas.



toria e espelhos de aventuras que apenas revivem na saudade— todos esses tesouros de Coimbra enlevaram durante algumas horas os jornalistas de Lisboa, alguns dos quaes fecharam com chave de ouro a sua digressão com a visita á linda vivenda de França Amado, enquanto outros iam re-crear espirito num passeio encantador a Penacova.

O regresso foi um curtir de saudades; e cremos que, ao chegarem a Lisboa, todos os excursionistas reconheceram que se o paiz em Lisboa tem o cerebro, em Coimbra tem o coração.



1 Da Lapa dos Estetos, 2. Belo Redondo, J. Ribeiro Arcobas, Magalhães Fonseca, João Gonçalves, Alvaro Maia e Montinho d'Almeida. (Cliché de J. Marques), 3. João Dias.—4. Antonio Menano.—5. Barcos serranos.—(Cliché de F. Pinharanda).



das Despedidas—e sobretudo a sua paisagem, a maravilhosa sinfonia de cores e de distancias, em que a nossa vista se perde e se deslumbra.

Vimos tudo isso de relance. A vetusta Universidade, que a efusiva alegria dos estudantes eternamente preserva da velhice; o museu Machado de Castro, onde se guardam tantas preciosidades arqueológicas; o Penedo da Saudade, Santa Cruz, Santo Antonio dos Olivas; a Quinta das Lagrimas, da linda Inez e o Choupal, dos estudantes—sacrosantos de amores que ficaram gravados na his-



Dão as nossas gravuras os aspectos mais curiosos do passeio a Coimbra e alguns trechos da sua paisagem espiritual. Recebidos pela Coimbra official, banqueteados e acarinhados, a excursão a Coimbra ficará como um dos mais revividos e saudosos



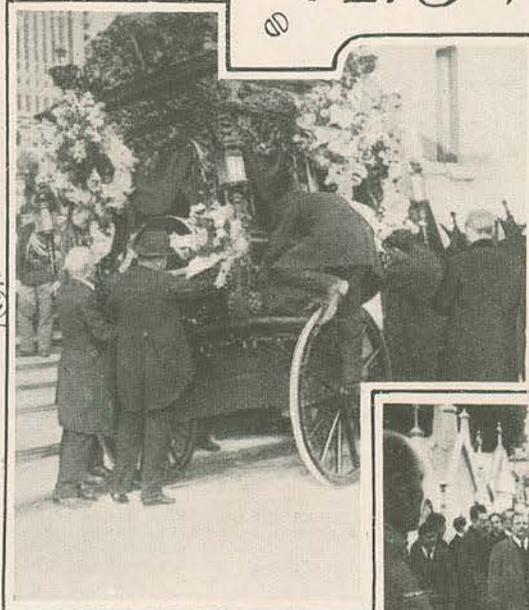
Trecho da Estrada de Penacova.—(Cliché de F. Pinharanda).

momentos da nossa vida jornalística. Mas se a Coimbra official dignificou com o seu acolhimento os jornalistas lisboetas, Menano e José Dias deram com a sua voz a evocação da Coimbra das guitarradas e das ladeiras, a Coimbra da lenda e da boemia, cuja saudade e tradição pelos seculos dos seculos não morrerá jamais. E não é impunemente que o dito popular assevera que quem não viu Coimbra não viu cousa linda.



Em casa de França Amado, Norberto Lopes, dr. Octaviano Sá, Norberto de Araujo, Hermano Arcobas, Gustavo Sequeira, Mario Salgueiro e Rocha Junior.

O FUNERAL DE FEIO TERENAS



A' porta do edificio do Congresso.

Foi uma imponente manifestação o funeral do velho republicano Jo é Maria de Moura Barata Feio Terenas, que assim se chamava o homem que foi um dos mais velhos e denodados republicanos. Fundador de *O Partido do Povo*, da *Revolução de Janeiro* que as autoridades suprimiram, da *Tribuna* e da *Batalha*, redactor de *O Norte*, director da *Democracia* e da *Vanguarda*, Feio Terenas foi um luctador denodado. Elias Garcia nomeou-o bibliotecario municipal, a republica fê-lo deputado e director geral da secretaria do Congresso, cargos bem merecidos e que sempre desempenhou com acen-



No cemiterio



drado amor ao seu credo politico, que era a Republica sobre tudo. Agora, a lei inexoravel que todos alcançará arrolou o seu nome. As nossas gravuras mostram o que foi a sua ultima viagem á terra d'onde se não volta.

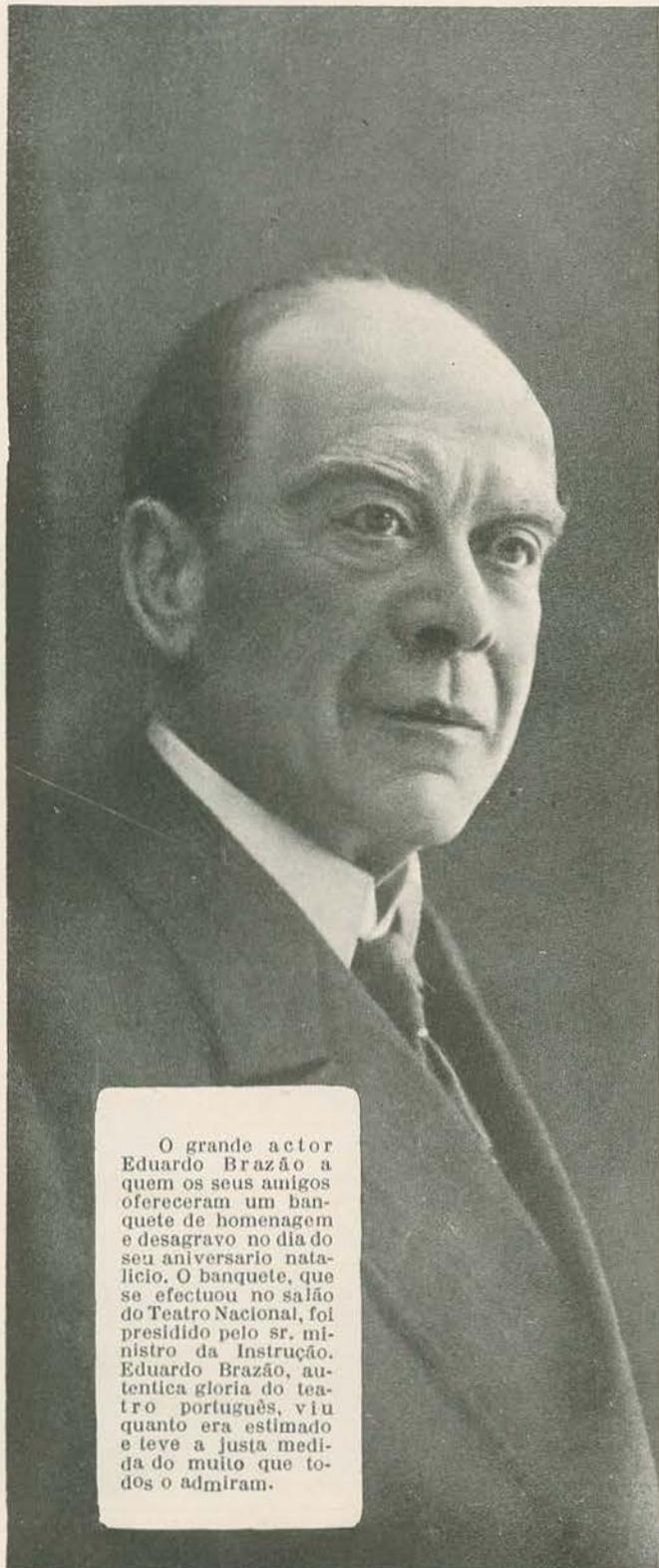


A' porta do cemiterio

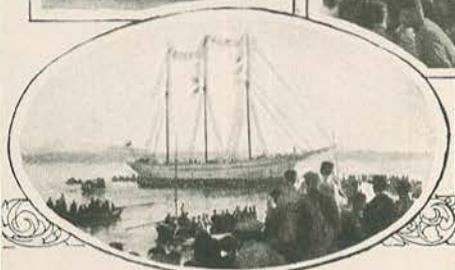
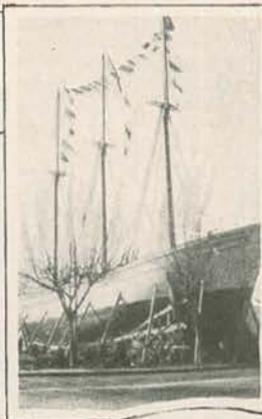


Os turnos.
(«Clichés» Serra Ribeiro).

ATUALIDADE



O grande actor Eduardo Brazão a quem os seus amigos ofereceram um banquete de homenagem e desagravo no dia do seu anniversario natalicio. O banquete, que se efectuou no salão do Teatro Nacional, foi presidido pelo sr. ministro da Instrução. Eduardo Brazão, autentica gloria do teatro portuguez, viu quanto era estimado e teve a justa medida do muito que todos o admiram.



O lugre «Rio Lima»

Em Viana do Castelo foi ultimamente lançado á agua o lugre «Rio Lima». O lugre pertence á Sociedade de Pescarias de Viana e é um elegante barco que faz honra á industria



nacional. As gravuras que publicamos dão alguns aspectos da cerimonia do lançamento, que foi muito concorrida.

O poeta Silva Tavares que acaba de publicar um curioso volume em verso, de lendas e narrativas historicas, «Serões alemejanos», e o general Brito Rebelo recentemente falecido, um esforçado trabalhador e um grande erudito.

1841 — 1920

A CASA DUN

foi fundada em New-York em 1841, ocupando então um modesto escritorio na esquina da Exchange Place e da Hanover Street; o seu pessoal compunha-se unicamente de

- 6 EMPREGADOS. Actualmente a CASA DUN tem a sua séde em New-York, 290 Broadway, EDIFICIO DUN, propriedade sua, construido em 1898, tendo custado
- 1.500.000\$00 ESCUDOS. E' em estilo moderno, todo armado em aço, completamente incombustivel. Agora, no fim de
- 78 ANOS de existencia, a CASA DUN tem
- 245 SUCURSAES nas principaes cidades da Europa e do Ultramar, nas quaes trabalham mais de
- 12.000 DIRECTORES, EMPREGADOS e VIAJANTES os quaes utilizam perto de
- 7.080 MAQUINAS DE ESCREVER, servindo-se de
- 350 TELEFONES e estando em relação com
- 800.000 CORRESPONDENTES ESCOLHIDOS.

O grande numero de escritorios da CASA DUN, cujos gastos anuaes ultrapassam a cifra de

- 10.000.000\$00 ESCUDOS, asseguram o seu perfeito funcionamento. Ao indicarmos estes diferentes algarismos, temos unicamente em vista frizar bem os poderosos meios de que dispõe e que lhe permitem FORNECER RAPIDAMENTE aos seus assignantes os informes sobre todas as Casas do mundo, graças ás suas ramificações universaes, á sua EXPERIENCIA e aos consideraveis capitaes empregados com este fim.

Agencia Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

247 Sucursaes nas cinco partes do mundo

79 anos de existencia

ONZE Sucursaes na Peninsula

CENTRAL PARA PORTUGAL: 103, Rua do Comercio—LISBOA

SUCURSAL: 10, Rua do Almada—PORTO

M. FONT

Director para a Europa Occidental

A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias

1920 — 1841



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadas na illharça socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA
DO CORPO MEDICO FRANCÊZ,
EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
15, rue de Rome, PARIS



HIGIENE DAS CRIANÇAS
PÓ
DOLLY

Excelentemente preparado para este uso, e preferido
pela maioria das sumidades medicas e pelas parteiras.
Em uso nos hospitais e creches.
Vende-se nas perfumarias, drogarias e farmacias
a \$35.

Depositariorios: **FAU & PALET L. DA**
Rua Aurea, 101, 2.º D.
LISBOA

Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American College
of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S.
Francisco de Salles, 41, às Amoreiras.

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

CLEMENTE V. GASPAR
CALISTA
Especialista no tratamento de
unhas por meio de electricidade.
RUA DO LORETO, 61, S/LOJA

CRÉME BÉATRICE



Blanche-Legère-Esquisse

O Crème Béatrice não faz brilhar a cara
porque não tem glicerina nem gorduras
nucivas à pele. Este crême de Beleza faz
desaparecer as rugas, as manchas verme-
lhas, irritações, e fortifica e alisa a epi-
derme, tornando-a branca e aveludada. O
nosso crême é vendido com a garantia de
se devolver a importância a qualquer clien-
te, quando não lhe tenha dado os resulta-
dos, que aqui garantimos.

Experimental e veréis que não ha melhor.
Vende-se em todas as boas perfumarias.

Laboratoire Harmelle-Salarnier — PARIS

Representantes e unicos depositarios em Portugal

DANIEL CABAÇO LOPES, L. da, Sucessores

Telef. 1605 C.

Rua da Vitoria, 60, 2.º — LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO
Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	300,000\$00
Obrigações.....	288,630\$00
Fundos de reserva e amor- tisação.....	300,000\$00
Escudos.....	1,308,630\$00

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabri-
cas do Prado, Marfanala e Sobrelinho
(Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã)
Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instala-
das para uma produção annual de 6 milhões
de quilos de papel e dispondo dos maquinis-
mos mais aperfeiçoados para a sua indus-
tria. Tem em deposito grande variedade de
papeis de escrita, de impressão e de embu-
lho. Toma e executa prontamente encomen-
das para fabricações especiais de qualquer
quantidade de papel de maquina continua
ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos
mais importantes jornais e publicações pe-
riodicas do paiz e é fornecedora exclusiva
das mais importantes companhias e empre-
sas nacionaes. — Escritorios e depositos:
LISBOA, 270, rua da Princesa, 270, PORTO,
49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereço
telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia
Prado — x. telef. Lisboa, 405. Porto, 117.

Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

pezos ouro entregam-se a cavalheiro se-
rio, demonstrando honestidade e boas re-
ferencias, que despose senhorita, 30 anos,
educada e bondosa, Evitar escandalo so-
cial. Escrever a Matrimonial Club of
New-York, Porto.

Contestam-se todas as cartas, observan-
do-se absoluta reserva.
Franquear cartas para resposta segura,



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Lisboa condecorada

Torres e Vieira



— Agradeço muito a Torre e Espada, mas na ocasião presente antes queria o bacalhau a doze vintens...



PALESTRA AMENA

Quinze mil!

Quinze mil! nem mais, nem menos — ou antes, provavelmente mais do que menos. Quinze mil é ou não um numero respeitavel?

Assim, á primeira vista, como se escreve em duas palavras, não parece grande coisa; e se o escrevermos em algarismos, 15:000, também não faz uma figura por aí além, porque ocupa pequenissimo espaço. Mas imaginem os senhores quinze mil objectos pequenos que sejam, postos a par uns dos outros; preenchem ou não uma extensão de respeito?

Quinze mil metros, por exemplo (e um metro não é uma medida de grande comprimento) são como quem diz quinze quilometros, ou tres vezes cinco quilometros, ou tres leguas, que vem a ser, aproximadamente, a distancia que vai do Cais do Sodré a Oeiras.

Quinze mil! Se em vez do espaço considerarmos o tempo, dir-nos hão que quinze mil segundos é um lapso de tempo apreciavel, sim, mas não de espantar; é certo, mas quinze mil horas (e fazemos para a hora raciocinio semelhante ao que fizemos para o metro) são seiscentos vinte e cinco dias, ou sejam quasi dois anos.

E quinze mil anos? Faz alguém idéa do que serão quinze mil anos, da transformação por que passa qualquer coisa ou pessoa em quinze mil anos, o proprio globo terrestre, que talvez não tenha semelhante idade, pelo menos no estado em que actualmente se encontra, com a crosta solida que lhe conhecemos? Não faz, com toda a certeza.

Vamos agora a mudar de quantidade; das hipoteses espaço e tempo, passemos á hipotese dinheiro. Quinze mil réis, pensará o leitor, nos tempos que vão correndo, é uma quantia de tal modo insignificante que não chega para pagar umas simples gaspias a um sapateiro. D'accordo; nem quinze mil escudos é também coisa que se veja. Mas imagine o leitor, por um momento, que lhe davam quinze mil contos e que não tinha uma apoplexia fulminante, com tal oferta: faz idéa da quantidade de cedulas ou de notas, que representam esses quinze mil contos?

Não faz.

... Poderíamos, sobre o mesmo tema, dedilhar outras variantes, inumeraveis variantes, mas não o faremos, porque a esta hora, n'esta altura da palestra, já o leitor está intrigadissimo e desejoso de saber onde queremos chegar com tanta cantiga ácerca do numero 15:000.

Então, aí vai: é que quinze mil, segundo as ultimas estatisticas, publicadas no *Seculo*, é o numero de mulheres de má nota que ha em Lisboa!

Confessamos que, por muito que estivessemos preparados para as mais

extraordinarias surpresas, aquele numero causou-nos um assombro que ainda não se dissipou!

Agora, queiram raciocinar mais um nadinha e pensar nos horrores que o facto significa, na soma incomensuravel de torpezas, de desgraças, de calamidades que está ligada a esta monstruosidade, sabendo-se que cada uma das infelizes corresponde a multiplos desequilibrios sociais...

Quinze mil! Acodem-nos ao bico da pena outros tantos comentarios filosoficos a respeito de tal enormidade, mas estamos a adivinhar que o leitor os dispensa, tanto mais que estamos em tempo de folia e não vale a pena uma pessoa ralar-se. Pois então, estimamos que se divirta.

J. Neutral.

A chegada das an'orinhas

Chegaram ha dias as pobres patetas das andorinhas a Algés, segundo as folhas noticiam — e patetas lhes chamamos, porque mostram bem pouca miolera em por cá aparecerem tão cedo. Primeiro, estes dias de sol são certamente um doce engano d'alma ledo e cego, que Março não deixa durar muito; depois vão-se vêr atrapalhadissimas



para arranjar casa, com o preço doido a que chegaram os materiais, incluindo o barro.

Pessimismo? Não, senhores, pois que acaba de chegar á nossa redacção um reporter que mandámos a Algés, a entrevistar uma das recémchegadas, o qual confirma tudo o que deixamos dito.

A infeliz estava arrependidissima da viagem e preparava-se para regressar a Marrocos, de onde tinha vindo em direitura.

Torre de chifre

Grito d'alma

Eu já não posso viver
Longo dos teus encantos;
Porque has de tu ó muther
Fazer-me ve ter prantos?

Não devias dar esperanças
Ao meu triste coração:
Agora adeus, bonanças,
E' tudo escuridão!

Vejo perto o cemiterio
Vejo a cova já perto.
Vale-me n'este ermiterio!
Vale-me n'este deserto!

J. B. Brandão.

A carta do papa

Todos os jornais noticiam que sua santidade escreveu ao seu delegado em Portugal, mas estão em desacordo quanto ao sentido da missiva, que cada um relata a seu modo, porque a não conhece. Felizmente, temos no Vaticano excelentes relações, o que nos permite que possamos dar ao leitor o texto completo da referida carta. E' o seguinte:

«Meu caro nuncio

«Reforçando as instruções que te dei quando saiste de Roma, vou fazer-te algumas rccomendações de absolu-



ta necessidade, para que as transmitas ao meu clero, que muito preso, pois que cada vez se tornam mais necessarios os bons exemplos e as sãs doutrinas.

«1.º — Não deve nenhum padre ter de portas a dentro moças de idade inferior a 25 anos, evitando assim que as más línguas tenham que dizer, com apparencia de fundamento.

«2.º — Recmendo muito especialmente o jejum a todos os membros do clero, durante a noite, desde que se deitem na cama até que se levantem.

«3.º — Convem aproveitar todos os enseios para revigorar a fé no poder de Deus Nosso Senhor: assim, quando, n'um longo periodo de chuvas o barro metro tiver uma grande subida, ou n'um periodo de seca, uma grande descida, dever-se-hão fazer preces a pedir sol ou chuva, segundo os casos.

4.º — Cada paroco deverá ter em casa duas bandeiras, uma d'elas verde e vermelha a outra azul e branca, para o que der e vier, seguindo com o preceito: a Cesar o que é de Cesar — visto que o Cesar tanto pode ser o sr. Antonio José d'Almeida como o sr. D. Manuel de Bragança.

«Emfim, nuncio amigo, sê diplomata, conforme te indiquei e não me dêes desgostos. Abençoa-te o teu

Padre Santo.»

Correspondencia

B. L. A. (Coimbra) — Tomamos a respectiva nota, mas tarde será servido.

Bento S. L. F. — E' assim que se principia; ataque immediatamente com capacetes de gelo.



Historias carnavalescas

EM FOCO

A menina dos telefones

Escrevem-nos alguns leitores estranhando que não aproveitemos o tempo carnavalesco para lhes darmos historias sujas, chegando um d'elles a dizer que «a porcaria é a coisa mais engraçada que tínhamos em Portugal».

Pois então, aí vão duas historias de partidas de Carnaval, com a devida venia.

Finalmente, o Anatolio ia pedir a D. Elvirinha em casamento aos pais. Ao principio houvera opposição ao casamento, mas a teimosia dos dois jovens vencera e os pais da noiva fizeram saber ao rapaz, por intermedio da pequena, que o receberiam gostosamente no dia tantos ás tantas horas.

Efectivamente no momento prefixo o Anatolio dava entrada na sala, onde já se encontravam os futuros sogros e o futuro cunhado, o Carlinhos, interessante criança de 7 anos.

Feito o pedido, o pai da D. Elvirinha declarou que pela sua parte não tinha objecção a fazer, mas que era preciso ouvir a interessada.

—D'accordo, disse o Anatolio.

—Minha filha não tarda, afirmou



a mãe; já sabe que o senhor está aqui...

Passados, porém, dez minutos ainda D. Elvirinha não tinha apparecido e o noivo começava a estranhar a demora.

—Então a Elvirinha não vem?

—Não pode tardar, repetiu a futura sogra.

O Carlinhos, com a sua costumada vivacidade:

—Não sei porque a mamã está a dizer que a mana não se demora; demora tal.

—Não digas tolices! exclamou o pai.

—Tolices?! retorquiu o garoto. Então o papá não sabe que a mana quando vai á retrete nunca se demora menos de uma hora?!

As crianças são diabolicas.

Com o Ernestinho, que apenas conta 6 anos, aconteceu outra, que, se não tivéssemos vergonha, eramos capazes de contar.

Contemos sempre.

Tinha o Ernestinho uma lingua que



Não sei, ha quasi um mês que dura a greve, Se a menina está lá ou foi embora: Que saudades do tempo de demora, Que hoje, pelo contrario, julgo breve!

—«Raios o partam! Que o digão o level! E outras frases assim, por aqui fóra, Ela me dedicava a toda a hora, Em pitoresco estilo d'almocreve...

Mas o que eu lembro com maior poesia Não é o que em voz alta essa donzela Me declarava, cheia de ousadia;

E' o que balbuciava com cautela, Supondo que eu de longe não ouvia E a que eu dava a resposta: «Que vá ela!»

BELMIRO.

seria depravada, se soubesse o que dizia, mas que o não era porque—coitadinho—se chamava ás coisas pelo seu verdadeiro nome era por ser innocentissimo.

Ora a mãe, a D. Mafalda, para evitar algum desmando de linguagem do filho, recomendou-lhe:

—Olha lá: quando tivermos visitas e tu tenhas necessidade de ir fazer o que sabes...

Aqui o Ernestinho interrompeu com uma palavra que não nos atrevemos a escrever, mas que é o infinito d'um verbo de duas silabas, da 1.ª conjugação, começado por c.

—Isso mesmo, continuou a D. Mafalda. Quando tivermos visitas não digas isso; dize: «O' mamã eu quero ir ao jardim». D'esse modo já fico sabendo do que se trata.

—Sim, senhora.

D'aí a dias, deu-se o facto. Estava gente de fóra, o pequeno teve vontade de ir á tal parte, e disse, lembrando-se da recomendação materna:

—O' mamã: eu quero ir ao jardim.

—Vai, respondeu a mãe, encantada com a delicadeza de Ernestinho.

Este, de subito:

—O' mamã! E ha lá papel para eu limpar o...

Aqui disse outra palavra que não repetiremos, limitando-nos a dizer que é um substantivo do genero masculino, que tem só duas letras e que tambem começa por c.

—Mas essa historia é velha! dirá o leitor.

E', bem sabemos; mas n'isso é que consiste a partida carnavalesca.

Mexico — Portugal

Provavelmente já conhecem esta, mas como no-la contou a capitosa mexicana Esperança, Iris ela aí vai como se fosse novinha em folha.

Representava-se o *Amor de principe*. N'um dos intervalos fomos cumprimentar a actriz pelo seu belo trabalho, e, incidentalmente, falou-se em politica.

—O presidente do ministerio não costuma vir ao teatro? perguntamos.

—Costuma.

—Ainda o não vi...

—Qual presidente?

—O do ministerio, repito.

—E' que de hontem para hoje já houve tres...

Esperança Iris soltou uma gargalhada e contou então:

—Aqui ha anos cantava no meu teatro, no Mexico, uma companhia lirica europeia, da qual fazia parte um tenor de grande fama. Ao terminar o primeiro acto, o secretario do presidente da Republica foi ao palco e pediu ao tenor que fosse ao camarote presidencial, porque o presidente o queria cumprimentar.

«O tenor foi, recebeu os elogios devidos, pelo seu extraordinario trabalho, e voltou para o camarim, a preparar-se para o segundo acto, que cantou com tanto exito como tinha cantado o primeiro.

«No fim d'este, o secretario desceu novamente ao palco e disse-lhe:

—«O sr. presidente da Republica pede-lhe que vá ao camarote porque deseja felicita-lo.

«O tenor, admirado:

—«Perdão, mas eu já lá fui, no fim do primeiro acto...

«O secretario:

—«Bem sei, mas isso foi com o presidente deposto.

—«Deposto?!

—«Sim senhor; agora o presidente da Republica é já outro.

«Tinh ahavido uma revolução entre o primeiro e o segundo acto e o Mexico tinha mudado de presidente n'esse espaço de tempo.»

Analogias...

Providências governamentais



— É boa! Depois da minha casa despejada é que lhe trancam a porta!